

SÃO PAULO NOS ANOS 1920:

A classe média e o Jardim América

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

JANJULIO, Maristela da Silva

Doutora em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo; Pós-doutoranda - IAU-USP
janjuliomaristela@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa a arquitetura e a vida que se constituíram no subúrbio do Jardim América, na cidade de São Paulo, nos anos 1920. Procura-se reexaminar o material já utilizado em nossa dissertação – revistas da época e projetos encontrados nos arquivos da Companhia *City*, a idealizadora do loteamento –, sob uma nova ótica, agora tentando compreender que tipo de vida se desenvolveu nesse subúrbio-jardim, criado em 1913. Nossa hipótese é que o bairro se tornou um refúgio, na futura metrópole de São Paulo, para a classe média, que se expandia. Buscamos, ainda, com a ajuda de bibliografia diversa daquela utilizada na dissertação, mostrar como esse modo de vida se desenvolveu em torno da família nuclear e envolveu o conforto, a beleza e a valorização do lar, onde a mulher apresentava papel fundamental. Devido à ausência de imagens dos interiores das residências e de seus moradores, procuramos nos apoiar na bibliografia e em uma revista criada na época e destinada, principalmente, à classe média: *A Casa*.

Palavras-chave: Arquitetura anos 1920; Arquitetura classe média; Arquitetura doméstica; Modo de vida anos 1920; Revista *A Casa*.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes the architecture and lifestyle that emerged in the Jardim América suburb of São Paulo during the 1920s. It seeks to re-examine the material previously used in our dissertation – magazines from the period and architectural plans found in the archives of the Companhia City, the developer behind the subdivision – from a new perspective, now attempting to understand the kind of life that developed in this garden suburb, established in 1913. Our hypothesis is that the neighborhood became a refuge, in the future metropolis of São Paulo, for the expanding middle class. We also seek, with the help of a bibliography different from that used in the dissertation, to show how this lifestyle develops around the nuclear family and emphasized comfort, beauty, and appreciation of the home – a sphere in which women played a fundamental role. Given the lack of images showing home interiors or residents, we rely on the literature and on A Casa, a magazine created at the time and aimed primarily at the middle class.

Keywords: 1920s architecture; Middle class architecture; Domestic architecture; 1920s lifestyle; A Casa magazine.

RESUMEN

Este artículo analiza la arquitectura y la vida que se desarrollaron en el barrio Jardim América de São Paulo, durante la década de 1920. Busca reexaminar el material ya utilizado en nuestra disertación—revistas de la época y proyectos encontrados en los archivos de la Companhia City, la empresa que concibió la urbanización— desde una nueva perspectiva, intentando ahora comprender qué tipo de vida se desarrolló en este suburbio ajardinado, creado en 1913. Nuestra hipótesis es que el barrio se convirtió en un refugio, en la futura metrópolis de São Paulo, para la creciente clase media. También buscamos, con la ayuda de una bibliografía diferente a la utilizada en la disertación, mostrar cómo este modo de vida se desarrolló en torno a la familia nuclear e implicó comodidad, belleza y aprecio por el hogar, donde la mujer desempeñó un papel fundamental. Debido a la ausencia de imágenes de los interiores de las residencias y sus habitantes, nos basamos en la bibliografía y en una revista creada en la época y dirigida principalmente a la clase media: A Casa.

Palabras clave: Arquitectura de los años 20; Arquitectura de la clase media; Arquitectura doméstica; Estilo de vida de los años 20; Revista A Casa.

INTRODUÇÃO

Este artigo prossegue nossa trajetória de pesquisa sobre habitação e tem origem em nossa dissertação de mestrado¹ e em palestra proferida sobre o tema do Jardim América.

O espaço doméstico permite muitas análises, suscita muitas questões e diferentes leituras e é justamente o que este artigo propõe: estudar este material - já pesquisado em nossa dissertação - sob uma nova perspectiva.

A residência, como lembra Camargo (2017, p.9), tem sido um documento muito importante para a história da arquitetura, além de ter sido “fundamental à conformação do caráter das cidades, independentemente da escala (...) e do significado social (...)”, e a “tipologia determinante da paisagem urbana” (CAMARGO, 2017, p.9).

Pois, com a aproximação da história às ciências sociais, no século XIX, a residência, além de documento arquitetônico, tornou-se uma fonte privilegiada para a compreensão da sociedade, através da maneira como é habitada (CAMARGO, 2017, p.9). São os diferentes modos de vida, um dos quais nos propomos a analisar neste artigo, no caso do Jardim América, dos anos 1920.

Porque precisamos refletir sobre a relação existente entre a arquitetura como artefato e os seres humanos, imbuídos de seus próprios desejos (SARQUIS, 2010, p.7), pois, ambos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

Prost (2020, p.14) nos lembra que a vida privada não é uma realidade natural, mas, sim, uma realidade histórica, construída de diversas formas; um recorte feito em determinado momento da atividade humana, entre as esferas pública e privada. A distinção entre essas esferas, ou seja, a fronteira entre esses mundos, pode apresentar sentidos variados, por exemplo, em relação à burguesia da Belle Époque ou da burguesia dos subúrbios americanos do Pós-Segunda Guerra.

O local onde transcorre essa vida privada, esse ambiente doméstico, não se configura apenas como espaço físico, mas como local onde ocorrem relações sociais de poder e de gênero. Nele estão presentes experiências, normas, subjetividades. Está inserido em um campo de estudos multidisciplinar, com a sociologia, a arquitetura, a história, a filosofia, a antropologia, entre outras.

¹ Em nossa dissertação de mestrado: “Arquitetura Residencial Paulistana dos anos 1920: Ressonâncias do *Arts and Crafts*?”, o capítulo 4 analisa a revista *A Casa* e o capítulo 5, o Jardim América. Assim, este artigo deriva, principalmente, destes dois capítulos.

PENSAR FORA DO EIXO

Assim, o que procuramos nesse artigo é, com o auxílio dessas disciplinas, através do exame dessa casa, compreender a sociedade em determinado recorte temporal e espacial.

É importante lembrar que, até o século XIX, a casa não era um refúgio privado para uma família pequena, mas uma grande estrutura, onde viviam, também, a família estendida, os protegidos e os empregados. A casa não representava, ainda, a dicotomia público/privado que a ela, mais tarde, associamos, nem estava ligada à questão de gênero, como posteriormente.

Mas, no início do século XX, se afirma, de forma insistente, e passa a permear a sociedade, “um desejo tríplice de intimidade familiar, conjugal e pessoal (...). Expressa-se, concretamente, em uma maior repugnância em admitir as pressões da promiscuidade e da proximidade (...)” (PERROT, 1988, p. 17).

Associada a essas questões, podemos analisar a noção de domesticidade, um “conjunto de ideias que se desenvolvem como reação à divisão entre trabalho e casa”, configurando uma separação crescente entre as esferas masculina e feminina, que é naturalizada, devido às supostas diferenças entre os gêneros (HEYNEN, 2016, p.9). A noção de domesticidade remete a um ambiente confortável, limpo, organizado, privado, “domesticado” e está ligada a um espaço físico – a casa - e à sua rotina.

Assim, tentando entender a vida que se desenvolveu no bairro Jardim América, nos propomos a analisar a arquitetura que ali se constituiu. Nosso recorte temporal se limita aos anos 1920 porque, no final da década, surgem casas maiores e mais requintadas no loteamento e caberia uma nova pesquisa sobre elas.

A pesquisa, sobre a arquitetura do Jardim América, parte importante de nossa dissertação, tornou-se possível graças às pesquisas anteriores de Andrade (1998) e Wolff (2001), sobre o loteamento. Foram cruzadas informações entre o álbum Jardim América² e os projetos encontrados por nós, nos arquivos da Companhia City (Acervo do Arquivo de Projetos e Bairros da Companhia City de Desenvolvimento), localizados através dos códigos que estão no livro de Wolff. Nem todas as casas do álbum foram encontradas nos arquivos. Além disso, algumas casas foram localizadas na *Revista de Engenharia do Mackenzie*, outra fonte primária.

² Uma de nossas fontes primárias, publicado em 1923 pela Companhia City, e que mostrava as cerca de cem casas até então construídas no bairro.

PENSAR FORA DO EIXO

Ainda outra fonte primária foi a revista *A Casa*³, fundada em 1923 - a primeira revista de arquitetura dirigida ao público leigo de classe média, além dos profissionais. Tenta-se, com a revista, preencher a lacuna de informações e imagens dos interiores das casas do Jardim América e de seus moradores, pois ela mostra uma espécie de modelo para a vida e a moradia de classe média⁴. Segundo o editorial do primeiro número:

Afim de suprir uma necessidade, que desde muito tempo vem fazendo-se sentir, entregamos hoje ao publico uma nova revista "A CASA", a qual, pelo seu programma, deverá encontrar inúmeros amigos entre profissionais de Architectura e Construcção, assim como interessará aos, que pretendem futuramente construir ou mandar construir o seu lar (...). Interessamos-nos especialmente pelo typo de construcção pequena, afim de facilitar aos menos abastados a escolha e a organização do seu futuro lar (Wriedt, 1923, p.4).

Além disso, procurou-se, através de anúncios, e, também, da revisão bibliográfica, entender o processo de modernização que ocorria nas formas de se morar e as novas noções de conforto da classe média paulistana, à época.

Nossa metodologia foi, a partir da utilização de bibliografia sobre o interior doméstico, domesticidade e modos de vida, rever nossas fontes – já utilizadas em nossa dissertação - e analisá-las sob um novo prisma. Tentamos assim, nos aprofundar sobre aquela arquitetura que já havíamos estudado em nosso mestrado, tentando compreender que tipo de vida se desenvolveu ali.

No artigo, inicialmente, analisamos a formação do Jardim América, a arquitetura da época e, em seguida, as casas do loteamento, sob aspectos como o arranjo interno, a linguagem visual, a modernização das casas da época, para, finalmente, tentar compreender como se vivia ali.

Deve-se ressaltar que a arquitetura do Jardim América foi analisada sob uma nova perspectiva, em um "campo ampliado da arquitetura" (COHEN, 2013), em que se consideram as relações entre a arquitetura e o contexto em que ela foi criada. Trata-se de uma redefinição, que apresenta a

³ Editada no Rio de Janeiro, *A Casa* surge no *boom* das novas publicações dos anos 1920. Apesar de a revista ser publicada no Rio de Janeiro, o alcance da publicação não ficava circunscrito à capital do país: *A Casa* era vendida em São Paulo e a cidade é objeto de vários artigos. Além disso, são publicadas cartas de leitores de cidades como Penápolis, Natal e São Paulo.

⁴ Utiliza-se no texto a denominação corrente "classes médias". Mas, deve ser feita uma ressalva quanto a seu sentido, que é o mesmo de "camadas médias urbanas", que designa aqueles setores da população urbana que, não sendo detentores do capital, realizam trabalho predominantemente não-manual, quer trabalhando por conta própria, quer vendendo a sua capacidade de trabalho a terceiros. Semelhante agregado não poderia ser confundido com uma classe social, já que reúne grupos sociais sem participação direta no processo da produção (profissionais liberais, funcionários públicos) e aquelas parcelas dos trabalhadores da indústria, comércio e bancos que realizam serviços de escritório e que não se consideram "proletários", recusando tal identificação. A expressão "camadas médias urbanas" é mantida no plural porque tais grupos são bastante heterogêneos dos pontos de vista social, cultural e ideológico (SAES, 1973, p.19-20).

PENSAR FORA DO EIXO

arquitetura como objeto interdisciplinar, que participa das transformações sociais e culturais de sua época. Procurou-se compreender as mudanças sociais, culturais e econômicas, que ocorriam nas primeiras décadas do século XX, percebendo qual o lugar da arquitetura neste contexto. Sem conferir a ela o poder de, isoladamente, determinar comportamentos e mudanças.

1 A ARQUITETURA DOS ANOS 1920 EM SÃO PAULO

Para estudar a arquitetura do Jardim América, da época, devemos ressaltar que, naquele momento, os arquitetos utilizavam uma variedade de estilos arquitetônicos – entre eles, o Missões⁵ e o Neocolonial - e os adaptavam às soluções técnicas correntes - estas fora do âmbito de discussão com os clientes. Vários álbuns de projetos e revistas, entre elas *A Casa*, auxiliavam os futuros moradores a escolherem o aspecto de sua casa.

(...) os técnicos (...) quando se encontram eles em face deste problema: convencer o cliente (...) que uma obra em tais e tais condições, não deve ser assim, assim (...) E como se não bastasse essa controvérsia, surgem ainda as esposas que, aliás, com muito feminismo, vão ‘projectando’ seu palacete, com pedaços de cem outros sonhados. (...) Que fazer? Conciliar as vontades recíprocas, adaptando, com essa solução, a técnica e seu *auto-sensum* aos permissíveis caprichos dos clientes (Página, 1927, p.24).

A revista *A Casa* (1929, n. 63, p. 14-16) dizia que “a revolução na arquitetura se faz naturalmente, devido às condições que oferecem os novos materiais (...). Póde-se dar ao edifício a forma mais extravagante, pois que a engenharia equilibrá-o-á (...)”.

Podemos observar essa indefinição na linguagem utilizada na arquitetura, na crônica de Jorge Americano⁶ (s.d., p.249):

⁵ A arquitetura Missões originou-se no sul da Califórnia. Passou a ser conhecida como *Mission Style*, nos Estados Unidos. Algumas características do “estilo missões” praticado em São Paulo são: o torreão circular, coberto por telhado cônico, marcando a caixa de escadas. Telhado em várias águas coberto com telhas capa-e-canal. À frente, telhado em duas águas coberto por telhas “paulistinhas” transversalmente dispostas. Às vezes, havia pequenos corpos em balanço nos andares superiores, colunas torneadas, alpendres com arcos plenos, abatidos ou goticizantes, emoldurados por tijolos ou pedras, gradis de ferros trabalhado, revestimento rústico das fachadas com reboco grosso em relevo, geralmente na cor branca; painéis de azulejos (D’ALAMBERT, 2003, p.196- 7).

⁶ Jorge Americano (1891-1969) bacharelou-se pela Faculdade de Direito da USP em 1912, foi professor, advogado, promotor público, deputado estadual em São Paulo, no período entre 1927 e 1928, e deputado federal à Assembleia Nacional Constituinte em 1933. Em 1945 foi secretário interino da Educação, na cidade de São Paulo. Foi, também, jurista internacional e memorialista da cidade de São Paulo. Disponível em: <https://portal.sbpnet.org.br/presidentes-de-honra/jorge-americano-1891-1969/>. Acesso em 02 de abril de 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

Na arquitetura, o “art nouveau” já morrera. Construtores licenciados faziam modestas moradias enfeitadinhas (...). Procura-se restaurar, sem sucesso, o estilo colonial mal imitado. (...). Há casas mexicanas desambientadas, um ou outro edifício oriental (...), e algumas residências sírias na Avenida Paulista. (...) Na arquitetura sobressaíam-se Dubugras, Przyrembel, Warschawski, Ademar de Moraes, Dácio de Moraes. (...) Vai surgir a nova arquitetura brasileira, autonomizada do barroco, embora influenciada pelos modelos coloniais.

Devemos lembrar que o projeto era apenas uma etapa da atividade conhecida como arquitetura - e seu valor comercial praticamente inexistia, até mesmo um projetista poderia executá-lo -, sendo a construção do edifício, outra etapa. Na maioria das casas pesquisadas no Jardim América, o arquiteto estava envolvido nessas duas fases⁷.

Além disso, analisamos questões como a modernidade possível e existente naquela arquitetura, devido à utilização de técnicas construtivas e materiais modernos, disponíveis naquele momento. O projeto decorria, ainda, de novas maneiras de se viver – no caso, da classe média paulistana – e de novas noções de conforto. Estas eram as questões relevantes.

2 O JARDIM AMÉRICA E SUA PAISAGEM

A partir de 1911, a *City of São Paulo Improvements and Freehold Co.* - a Companhia City, empresa imobiliária formada com capitais franceses e ingleses e a participação de empresários paulistas - iniciou a compra de grandes áreas na cidade de São Paulo, a fim de implementar loteamentos. Assim, em 1913, surge o Jardim América, o primeiro loteamento da companhia, localizado nos subúrbios a sudoeste da cidade, abaixo do espigão da Avenida Paulista.

O Jardim América⁸ foi implantado em terrenos planos, localizados na planície de inundação do Rio Pinheiros, cujo aterramento foi realizado através de um sistema de drenagem com galerias em ambas as laterais das ruas.

A imagem aérea da figura 1 mostra o desenho marcante do loteamento, quase simétrico, com eixos ortogonais e diagonais, de inspiração barroca, ao qual as ruas curvas adicionam certa variedade:

⁷ Com base no álbum *Jardim America*, pode-se concluir que houve um predomínio dos arquitetos formados ou ligados ao Mackenzie, ao menos no início da ocupação do Jardim América. Acreditamos que, com as obras mais significativas e os cargos públicos nas mãos dos politécnicos, os mackenzistas souberam reconhecer e explorar este novo mercado que surgia.

⁸ Na denominação do loteamento - Jardim América - e nos nomes das ruas - Colômbia, México, Cuba – percebe-se o panamericanismo da época.

PENSAR FORA DO EIXO

um traçado interessante, misto de composição clássica e pinturesca⁹. Essas ruas curvas, ainda, criam surpresas e recantos.

Figura 1. Jardim América, foto aérea.



Fonte: A Gazeta, disponível em: <https://blogdogiesbrecht.blogspot.com/2014/02/companhia-city-um-pouco-de-historia.html> (1930).

Os autores desse desenho são os arquitetos britânicos, Raymond Unwin e Barry Parker¹⁰. O primeiro, em 1915, preparou a planta original de arruamento e desenvolvimento. A seguir, Parker,

⁹ Apesar do vocábulo *pitoresco* ser mais utilizado na língua portuguesa, utilizaremos a forma *pinturesco*, derivada da palavra *pintura*. Esse conceito acarretou profundas transformações no pensamento estético ocidental, tais como a crítica à rigidez geométrica clássica (simetria, axialidade, comodulação, etc.). Ao invés do espaço baseado na perspectiva centralizada, com o espectador fixo, como nos jardins barrocos, utiliza-se a perspectiva oblíqua, constituída de dois ou mais eixos, convergindo de pontos externos à cena. Isto leva o observador a procurar outros pontos de vista. Assim, cria-se uma transição natural de uma área à outra do jardim e as várias características são reveladas aos poucos.

¹⁰ Os dois arquitetos foram os responsáveis pelo projeto do subúrbio de Hampstead, nos arredores de Londres, além das cidades-jardim inglesas. Parker permaneceu em São Paulo por dois anos, de fevereiro de 1917 a janeiro de 1919. Ele entendeu bem a política da Companhia City e a ela se ajustou, contribuindo para seu aprimoramento. Sabia que os objetivos da companhia em São Paulo diferiam totalmente das propostas para Letchworth - a primeira cidade-jardim inglesa. Conseguiu, no entanto, em um loteamento para a burguesia, com grandes perspectivas de lucro para a companhia, desenvolver suas ideias sobre urbanismo e sobre a construção da paisagem. Desenhou e ajudou na concretização dos loteamentos do Jardim América, Anhangabaú, Pacaembu e Alto da Lapa. Isto envolveu diferentes projetos, adaptados a diferentes topografias, e sugestões de alterações na legislação municipal para que se tornasse factível seu plano para o Pacaembu. Atuou também para a prefeitura de São Paulo, na remodelação do Parque da Avenida Paulista, atual Parque Siqueira Campos (ANDRADE, 1998).

PENSAR FORA DO EIXO

em 1917, deu continuidade ao projeto, alterando o traçado das ruas, porém mantendo sua estrutura básica, mas aumentando o número de jardins internos às quadras. Além disso, definiu a divisão em lotes (ANDRADE, 1998, p. 247).

O traçado usual em um sítio plano como esse seria o “tabuleiro de xadrez”, pois, as ruas curvas, normalmente, são utilizadas para a adaptação à topografia de uma área com desníveis.

No caso do Jardim América, sem desníveis, vistas dramáticas ou vastas áreas de vegetação, o traçado urbano seria a principal atração. Ele deveria seduzir. Assim, compreende-se a fala de Parker (1919, p.3): “(...) em minha primeira visita ao ‘Jardim América’, percebi que sua capacidade de atrair moradores teria que ser criada (grifo de Parker)”. Além da necessidade de se “criar atração”, provavelmente, pesou neste traçado a racionalização da área a ser utilizada com o sistema viário e o melhor parcelamento dos lotes.

O planejamento do loteamento incluiu a definição de normas – as *Cláusulas das servidões para o uso dos terrenos* (ANDRADE, 1998, p. 247), provavelmente elaboradas por Barry Parker -, para que as casas não tocassem os limites dos terrenos, pois ainda não havia leis municipais que determinassem recuos para a implantação da casa no lote. Nessas *Cláusulas*, são especificados recuos laterais de 4 metros para as casas térreas, 6 metros para sobrados e 8 metros para casas de três pavimentos. Os recuos de frente e de fundos não são especificados. Exigia-se, ainda, que a área mínima para casas térreas fosse de 130m² e máxima de 1/5 da área do terreno; para sobrados, área mínima de 80m² e máxima de 1/7 da área do terreno. O uso também era regulamentado - exclusivamente residencial - e as redes de eletricidade, subterrâneas.

Os terrenos tinham uma grande área e muitas das primeiras casas eram pequenas: algumas com apenas 150m² em terrenos de mais de 1.200 m². Restavam grandes áreas do terreno vazias, que acabavam ocupadas por jardins, na frente e nas laterais, e, nos fundos, pomares, hortas, criações e dependências de serviço e, às vezes, as garagens. Essas casas isoladas no centro de grandes lotes, localizadas em um loteamento planejado como um grande jardim, criaram uma paisagem diferenciada que, como coloca Andrade (1998, p. 248), possibilitava permeabilidade visual, que pode ser observada na figura 6¹¹.

¹¹ O Código Sanitário de 1918 influenciou de modo decisivo a implantação e a volumetria das residências deste período. Introduziu noções de higiene nas habitações, ao reconhecer os benefícios propiciados pela ação bactericida do sol. Eram recomendados cuidados especiais quanto à implantação das edificações no terreno e à orientação das janelas, para evitar a incidência direta dos ventos úmidos.

As prescrições do código foram tão importantes, que muitas foram endossadas depois pelo Código de Obras de São Paulo (Lei nº 3.427 de 1929). Promulgado como Código Arthur Saboya em 1934, estabeleceu um novo

PENSAR FORA DO EIXO

Assim, a questão da implantação da casa no lote foi de fundamental importância em nossa análise do Jardim América. Como afirma Reis Filho (1997, p. 30, 36): “A implantação da arquitetura no lote urbano e a passagem da bidimensionalidade para a tridimensionalidade na arquitetura comum são categorias analíticas fundamentais para o estudo das obras dos séculos XIX e XX”.

Essas características levaram à formação de um bairro bucólico, distante das áreas mais movimentadas da cidade, com poucos automóveis e ônibus circulando.

Tais particularidades foram divulgadas pela companhia, no álbum *Jardim América*. Apresentava-se o loteamento como o local para uma nova forma de morar, associada às cidades-jardins inglesas e aos subúrbios anglo-americanos do século XIX e início do XX¹²:

As grandes avenidas bem arborizadas, extensos gramados em diversos formatos para recreação do público (...) dão ao jardim América uma aparência sugestiva e peculiar às residências dos Anglo-Saxões do outro lado do Atlântico. É verdadeiramente pitoresco e encantador o local e o único jardim do gênero existente no Brasil (*The City of São Paulo Improvements & Freehold Land Co., Ltd.*, 1923, texto de apresentação).

Em anúncios, publicados em diversos veículos e em várias línguas, a *City* divulgava o uso exclusivamente residencial, como uma das atrações do loteamento: “Nos bairros ideados e construídos pela Companhia *City* (...) V. Sra. terá de antemão o conhecimento exacto e a garantia do que será construído ao lado do seu terreno” (*Revista de Engenharia do Mackenzie*, maio 1929, n. 50).

Essa propaganda, por parte da *City*, provavelmente, foi necessária porque a consolidação do bairro foi lenta, devido à situação econômica desfavorável, em plena guerra. Parte das fotos do álbum *Jardim América* mostra ruas sem asfalto, guias ou calçadas e gramados e jardins ainda por executar.

Outra estratégia para promover o loteamento foi a construção de algumas casas - projetadas por Barry Parker e outros profissionais que trabalhavam na *City* -, em pontos estratégicos, como o *circus*, o espaço circular onde se cruzam as ruas Nicarágua, Colômbia, Uruguai e Guatemala.

Um fato que tornou o loteamento acessível às camadas médias - compostas, entre outros, por profissionais liberais, funcionários de grandes empresas e comerciantes – foi a venda de terrenos

padrão para as edificações residenciais paulistanas, pois definiu recuos mínimos frontais, laterais e de fundo, a serem atendidos pelas construções particulares. Estas novas condições sugerem certa influência dos critérios de implantação trazidos pelos loteamentos da Companhia *City*.

¹² O padrão dos loteamentos da Companhia *City* foi incorporado por empreendimentos de outras empresas, sendo o mais evidente o Jardim Europa, implantado em 1921.

a prazo e a concessão de financiamentos pela *City*, para a construção¹³. Estendia-se, assim, a essa camada social, a possibilidade, antes restrita à elite, de morar em um bairro diferenciado.

3 AS CASAS DO JARDIM AMÉRICA, NOS ANOS 1920

As casas do Jardim América, na década de 1920, são exemplares da arquitetura daquela década, que não apresentava uma linguagem visual uniforme, mas utilizava uma série de estilos arquitetônicos. Dessa forma, apresentam um aspecto externo variado.

Como apresenta-se uma dificuldade na sistematização dessas casas, utilizaremos a tipologia como categoria de análise. Ali, apresentam-se duas tipologias básicas: pequenas casas térreas e sobrados. Essas pequenas casas - de menos de 200 m² - também eram chamadas bangalôs. Americano (s.d., p.249) os menciona:¹⁴ “Mais interessantes eram agora as residências “bungalow” com “bow windows” e confortáveis mobílias “chippendale”, cômodas poltronas de couro, tapetes grossos, paredes e tetos lisos, um quadro e uns pratos na parede”.

O álbum *Jardim América* também se refere aos bangalôs: “Após quasi sete annos de consciencioso e constante trabalho, o Jardim América conta hoje com mais de uma centena de palacetes e ‘bungalows’.” Os palacetes – termo também utilizado pela revista *A Casa* – eram os sobrados, menores e menos requintados do que os palacetes de Higienópolis e da Avenida Paulista, da época¹⁵.

O bangalô é originário da Índia e chegou à Inglaterra na segunda metade do século XIX, como uma segunda casa, para uma vida mais simples, no campo. Depois, o bangalô se transfere para as cidades-jardins inglesas e para os subúrbios anglo-americanos.

Para King (1995, p.90-1), na prática, o bangalô era uma habitação unifamiliar isolada, não necessariamente térrea, que poderia apresentar varanda. Enquanto para Lancaster (1985, p.39),

¹³ O memorial descritivo, além de auxiliar na determinação do valor do financiamento, funcionava como uma espécie de contrato com o cliente para a construção da casa. Nele, eram discriminados os preços aproximados dos materiais a serem utilizados.

¹⁴ Apesar de não haver data, esta crônica aparece logo após outra, que trata do centenário da independência, então, provavelmente, é de 1922.

¹⁵ No final da década, surgiram sobrados maiores e mais sofisticados, no Jardim América.

era essencialmente um pequeno “recanto” ou “refúgio”, de caráter rústico, um lugar agradável e acolhedor, para proporcionar conforto e despreocupação.

O fato dessas pequenas casas do Jardim América serem chamadas bangalôs nos dá uma pista sobre as expectativas em relação à existência que seria desfrutada ali: protegida, confortável, simples.

Além disso, devemos ressaltar o alcance do termo *bangalô*; ele tornou-se tão comum, à época, que era usado como sinônimo de casa pequena e térrea, vendida a prazo, presente em anúncios e artigos de revista. Em *A Casa*, anúncios de arquitetos mencionam a tipologia: J. Cordeiro de Azevedo anuncia que faz projetos para “*Bungalows, (...) Cottages, Casas Nobres, etc.*” (J. CORDEIRO, 1924, p.34) e Ricardo Wriedt, plantas e projetos para “*palacetes, Bungalows, etc.*” (WRIEDT, 1924, p.34).

Esses pequenos bangalôs e os sobrados apresentam em comum, além dessas características de conforto, simplicidade, abrigo, a sua forma de implantação no lote, possibilitada pelas generosas dimensões dos terrenos do Jardim América e dos recuos impostos pela Companhia City. Além disso, a libertação dos limites do terreno permitia a abertura de grandes janelas, tornando as casas bem arejadas e iluminadas.

3.1 O arranjo interno das casas

Em relação ao arranjo interno dessas pequenas casas do Jardim América, pode-se dizer que existia certa integração entre os ambientes de estar. Assim, a antiga e isolada sala de visitas deu lugar à sala de estar (apesar de ainda ser chamada sala de visitas, como na figura 3), para a convivência familiar e, em muitos casos, integrava-se à sala de jantar, separadas, às vezes, por um arco ou por portas de correr. Na revista *A Casa*, essa integração entre estar e jantar aparece em várias casas.

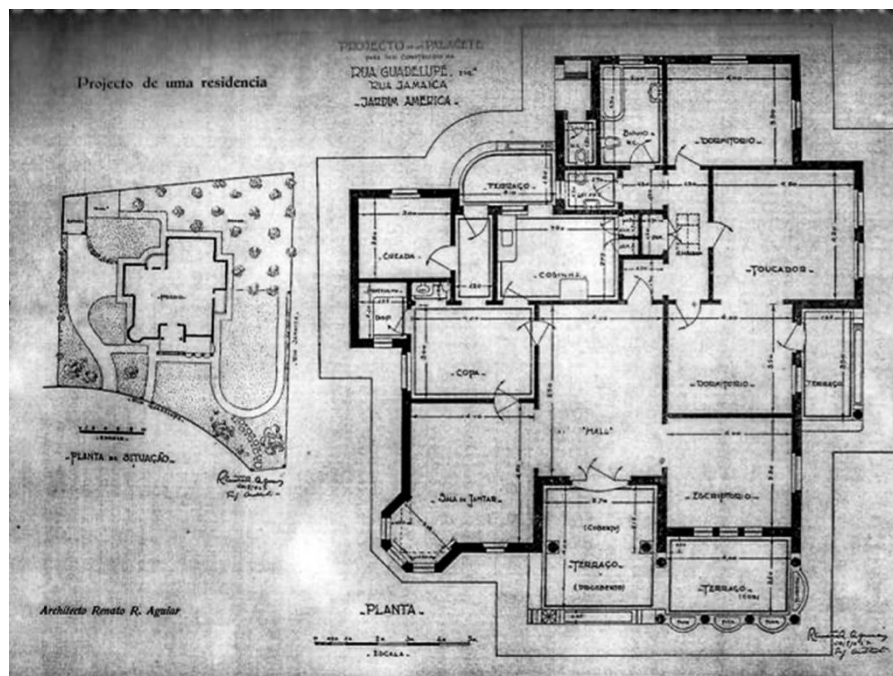
Lemos (1989, p. 186) diz, a respeito das casas de classe média da época: “Suas plantas sempre possuíam o hall de distribuição e necessariamente a ‘sala de visitas’ em separado da sala de jantar por uma larga porta toda envidraçada com cristais lapidados”.

Nas casas de elite, havia uma rígida compartimentação entre os setores de serviço, estar e repouso e deveria haver a possibilidade de circulação de um a outro, sem invadir o terceiro. No entanto, nessas casas menores, como as do Jardim América, nos anos 1920, esse tipo de circulação, muitas vezes, “era de difícil alcance, surgindo para resolver as dificuldades uma quarta zona dedicada a distribuir os passos – seria só de circulação se também não pudesse ser também usada como área

PENSAR FORA DO EIXO

de receber e, às vezes, até de estar, transformando-se em monumentais vestibulos, também chamados de 'halls' (LE MOS, 1999, p.104). As casas das figuras 2, 3 e 4 apresentam estes halls de distribuição.

Figura 2. Casa na Rua Guadalupe, Jardim América, projeto do arquiteto Renato Aguiar, planta baixa.



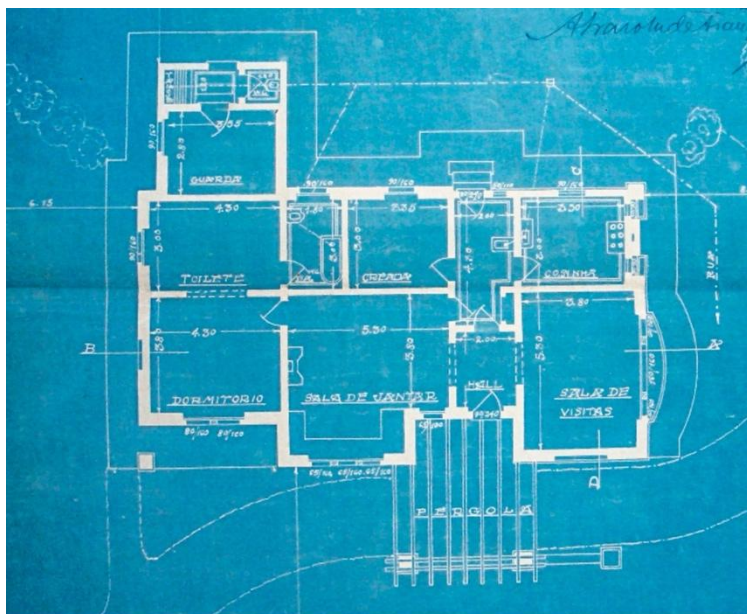
Fonte: *Revista de Engenharia do Mackenzie* (n.44, setembro de 1927).

Em algumas casas, o hall não acessava todos os setores da casa, como na figura 3, onde empregava-se o setor social como passagem para os dormitórios.

Além disso, na época surge outro ambiente, na casa burguesa: a copa, um local de ligação entre os três setores, sempre anexa à cozinha, geralmente sem separação. Essa função surgiu apenas “depois de descobertas suas qualidades de lugar de estar equidistante, cômodo para todos, inclusive para a dona de casa” (LE MOS, 1972, p.99). A copa foi copiada das casas da elite, porém, ao chegar a essas casas menores, incorporou funções extras, como a de um local para o café da manhã e o almoço e um ambiente de estar, para a permanência após essas refeições. Ali, também poderiam ser lavadas as louças - superpondo as funções de estar e de serviço. O piso era ladrilhado e as paredes azulejadas. A copa está presente na casa da figura 2 e, apesar de não ser nomeada, na casa da figura 4.

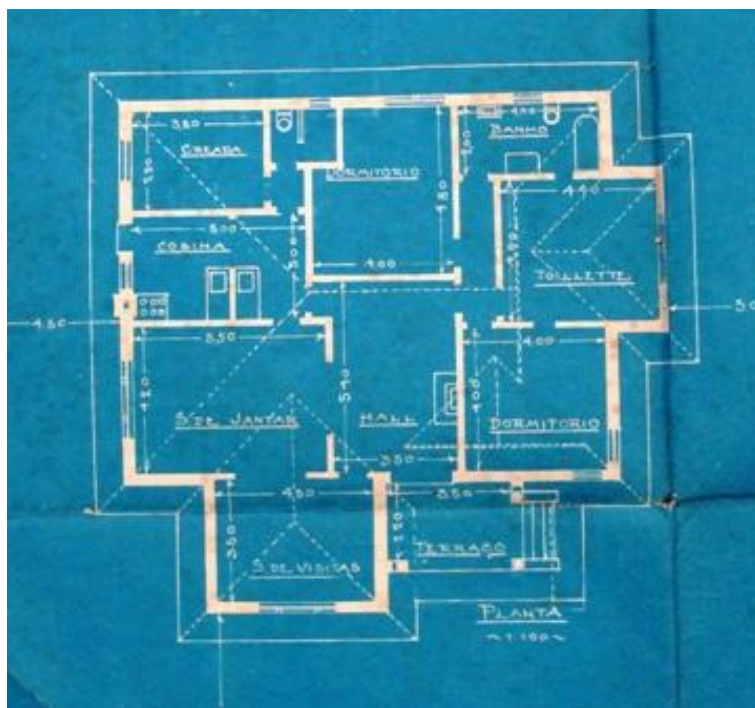
PENSAR FORA DO EIXO

Figura 3. Casa na Rua Venezuela, n.28, projeto de Adhemar de Moraes.



Fonte: Arquivo Companhia City (código 09.04.250.256).

Figura 4. Casa na Rua Colômbia, n.22, projeto de Olavo Caiuby, projeto de 1923.



Fonte: Arquivo Companhia City (código 18.04.072.250)¹⁶.

¹⁶ Os códigos correspondem ao número de identificação do projeto no arquivo da Companhia City.

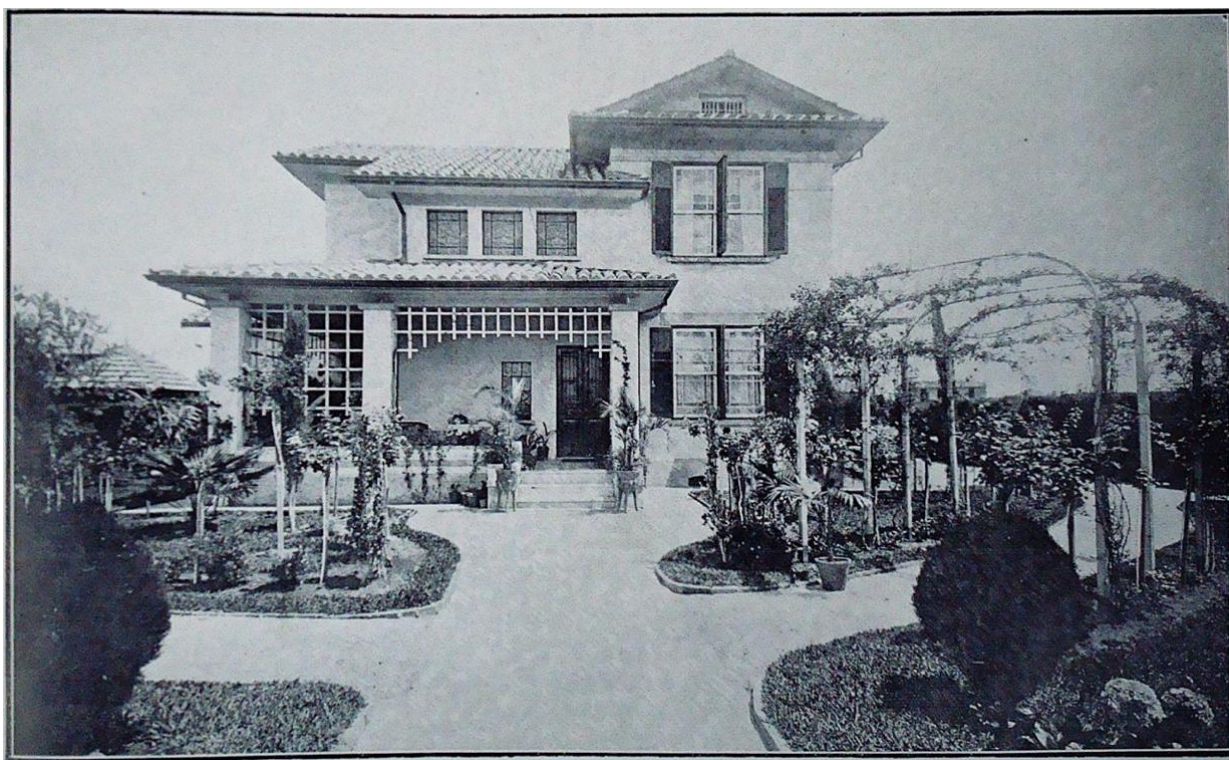
PENSAR FORA DO EIXO

Os três setores da casa da figura 4 - social, íntimo e de serviço - estão separados e a circulação entre eles é feita através do hall. O setor social tem três cômodos integrados, através de grandes aberturas.

3.2 Varandas e jardins

Outro ambiente de estar, presente em várias casas do Jardim América, era a varanda frontal - um espaço de transição entre o interior e o exterior da casa -, que criava uma sensação de amplidão (ver figuras 5 e 6). Nela, assim como no jardim, poderia haver equipamentos que favoreceriam a permanência. A casa da figura 3 apresenta uma pérgola na fachada principal e a da figura 5, uma treliça de apoio às plantas na varanda e um caramanchão no jardim. Os limites do terreno são demarcados por uma cerca viva.

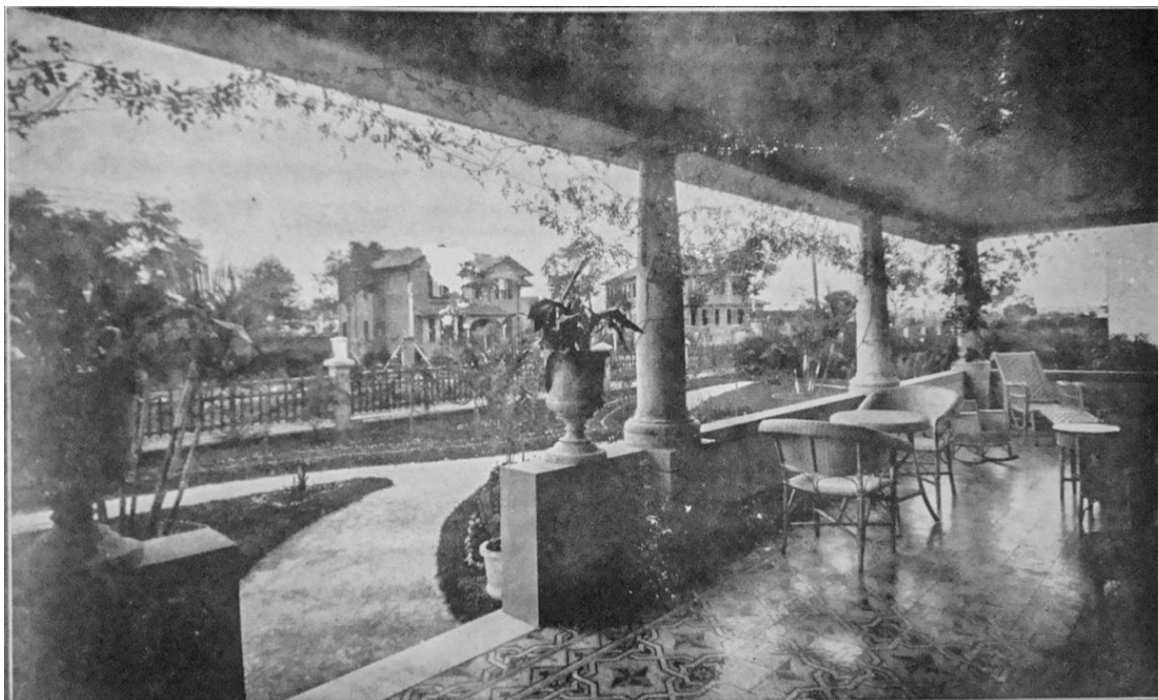
Figura 5. Casa na Rua Equador, projeto do arquiteto Adhemar de Moraes.



Fonte: Álbum *Jardim América* (projeto não encontrado no arquivo da City).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 6: Casa na Rua Alaska, projeto de E.Rossi.



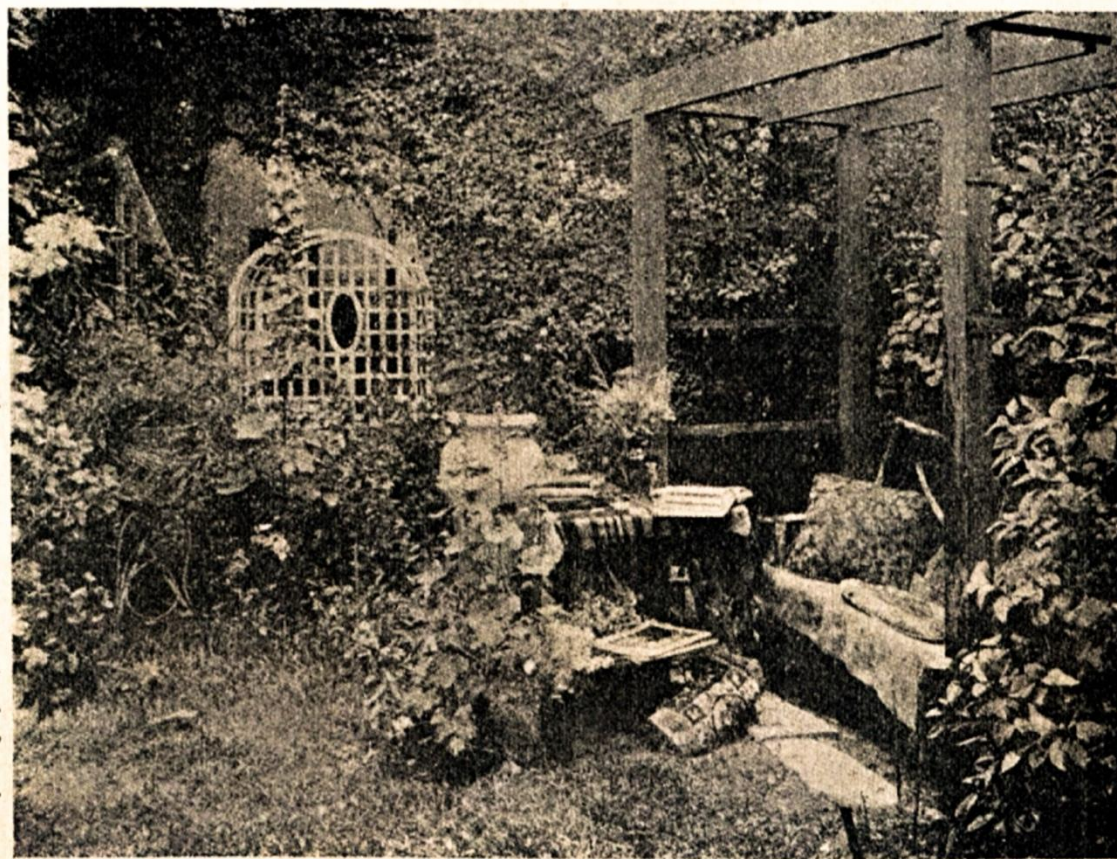
Fonte: Álbum *Jardim América* (projeto não encontrado no arquivo da City).

A casa da figura 8 também apresenta elementos como pérgulas, mobiliário, floreiras e vasos, para a fruição desse espaço.

A revista *A Casa* também tratava do tema do jardim, como espaço de fruição e elemento de embelezamento da residência (ver figura 7), para o qual não seria necessário muito espaço. Na revista, veem-se gramados, canteiros de flores, pisos de pedra, pérgulas, lagos, viveiros de pássaros, tudo o que remetia à natureza. E, como complemento, móveis, almofadas e outros elementos, para essa vida ao ar livre.

São Paulo é o grande exemplo neste e em casos mil de progresso e de arte. São Paulo é hoje a cidade dos jardins. (...) trepadeiras que sobem pelos terraços até o telhado, jarras e canteiros especiaes, elegantíssimos, suspensos, à margem das janellas, tudo isso embelezza as construcções de São Paulo desde muito dando à cidade o encanto característico do trópico (NOTAS, 1924, p. 14).

Figura 7: Jardins mostrados em *A Casa*.



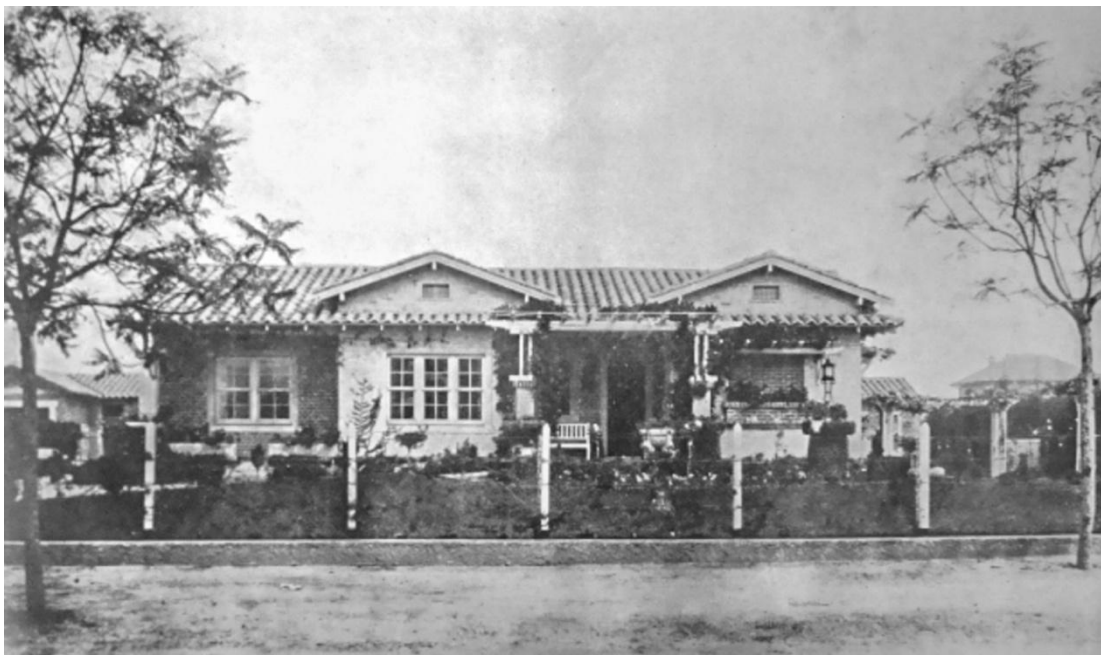
Fonte: Revista *A Casa* (n.56).

3.3 Fachadas

A delicadeza e cuidado com os detalhes, mostrados em *A Casa*, podem ser vistos, externamente, nas casas do Jardim América. Os detalhes arquitetônicos e os materiais utilizados ajudam a criar uma linguagem, que denota acolhimento e proteção. A fachada da casa da figura 8 poderia corresponder a um dos interiores mostrados na revista. A ideia de refúgio é reforçada pela horizontalidade da casa e por detalhes harmoniosos, como o telhado em duas águas, a pérgula, a esquadria com pequenos vidros e os tijolos aparentes. O banco e as floreiras na varanda frontal convidam à permanência dos moradores.

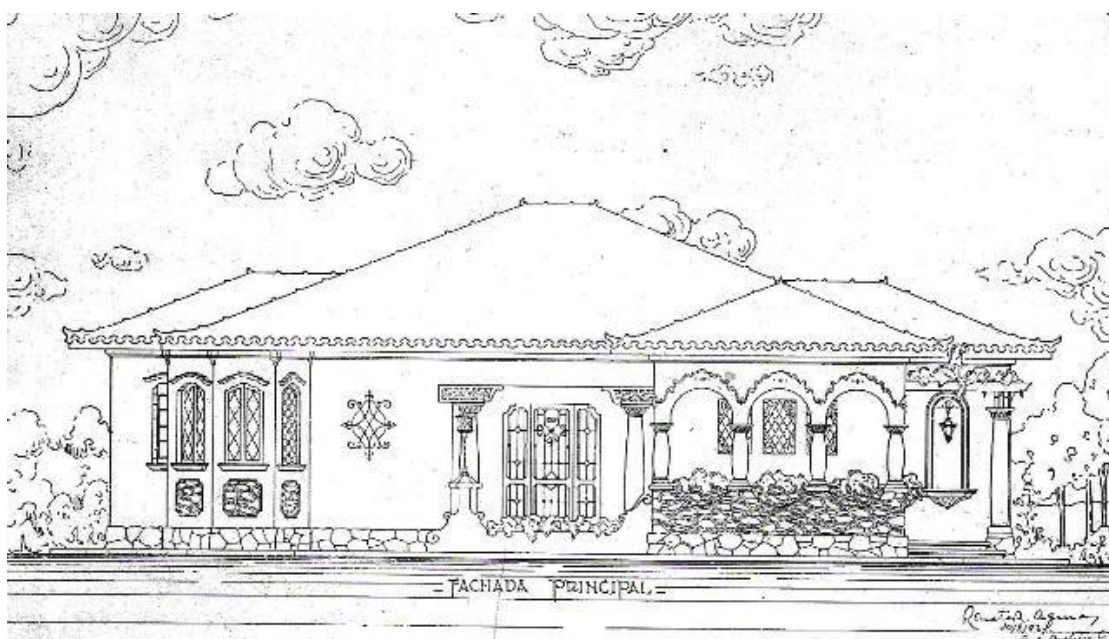
PENSAR FORA DO EIXO

Figura 8: Casa na Rua Venezuela, n. 28, projeto de Adhemar de Moraes.



Fonte: Álbum *Jardim América* (código 09.04.250.256).

Figura 9: “Palacete” no Jardim América, Rua Guadalupe, projeto de Renato Aguiar.



Fonte: *Revista de Engenharia do Mackenzie* (n.44, set. 1927).

PENSAR FORA DO EIXO

Outra casa agradável e acolhedora foi projetada pelo arquiteto Renato Aguiar (figura 9, cuja planta esta representada na figura 2). É chamada palacete, apesar de térrea, e apresenta detalhes neocoloniais, como os arcos, esquadrias com pequenos panos de vidro, embasamento em pedra e grandes telhados.

3.4 A modernização da casa de classe média

Na década de 1920, ocorreram inúmeras transformações nas casas de classe média e isso pode ser observado tanto na bibliografia, quanto em periódicos - nos artigos e nos anúncios ali existentes. Entre os ambientes que mais se modificaram estão as cozinhas e os banheiros.

Na cozinha, houve a introdução de novos produtos. Um deles é a geladeira elétrica - ainda semelhante a um armário, introduzida em 1927 -, que é vista em anúncios e indicada em alguns projetos do Jardim América, e o fogão a gás – que tornou obsoletos os fogões a lenha, a carvão e a querosene.

O acesso a esses novos bens de consumo era restrito à parcela da população que poderia e gostaria de pagar por eles, pois “a relação dos consumidores com o novo não foi automática” (MALUF; MOTT, 1998, p.403). Havia a resistência às novas tecnologias e uma das maneiras de vencê-la era a publicidade, que, além de divulgar os novos produtos, deveria deixar subentendidos os valores de modernidade e de racionalidade implícitos neles. Nos anúncios de fogões, por exemplo, surge a figura da dona de casa ou do cozinheiro profissional, apesar da cozinha ainda permanecer como o local de trabalho, essencialmente, da empregada doméstica.

Essa questão é mais complexa do que aparenta, pois, apesar do fogão a gás ser apresentado como sinal de prestígio, frequentemente, no cotidiano, utilizava-se o fogão a lenha ou a carvão; o fogão a gás era utilizado apenas pela dona de casa, em ocasiões especiais. Esse fogão do cotidiano localizava-se, geralmente, em uma espécie de apêndice da casa - uma cozinha quente e enfumaçada, mais ligada ao quintal do que à residência -, onde se realizava um trabalho pesado e sujo, de limpeza de panelas e cozinha. Ali ocorria, por exemplo, o abate, a limpeza e o preparo de aves. Nessa cozinha externa, também eram executados outros serviços, como a passagem das roupas, e, muitas vezes, era ali que as empregadas dormiam (MALUF; MOTT, 1998, p.412-3).

Assim, apesar da sedução da publicidade com os novos eletrodomésticos, o trabalho doméstico, reservado às empregadas, era árduo e pesado: de joelhos, por exemplo, esfregando o assoalho com um tijolo. Na verdade, a importância social e econômica do trabalho doméstico feminino foi

PENSAR FORA DO EIXO

ocultada, camuflando sua dureza e dificuldade. Essa imagem do “lar feliz”, onde a mulher é apresentada como rainha, esconde o drama, conflitos e relações de poder no interior da casa (MALUF; MOTT, 1998, p.421).

Dessa forma, a cozinha que sofreu um processo de racionalização e recebeu novos produtos foi a cozinha interna à casa. Essa, de lugar desprezado da casa, relegado ao porão ou à edícula, transforma-se, aos poucos, em um local planejado, higiênico, pronto para as novas tecnologias. Em alguns projetos do Jardim América, já se percebe, mesmo, a preocupação com a sequência das tarefas a serem executadas, na copa e na cozinha.

Nesse processo de racionalização, houve a preocupação com a higiene no preparo dos alimentos - para evitar sua contaminação e o aparecimento de doenças - e o consultório médico “vai fornecer os parâmetros materiais dessa nova cozinha para uma clientela privilegiada que tinha acesso aos seus serviços, mas também para um público mais amplo, (...) pelas fotografias de seus interiores divulgadas nas revistas¹⁷ (CARVALHO, 2008, p. 257).

Essa nova cozinha sinaliza “uma peculiaridade interessante em São Paulo. (...) o esvaziamento das funções produtivas do espaço doméstico, fator fundamental para a introspecção da família e o amadurecimento de sentimentos de intimidade e individualidade” (CARVALHO, 2008, p.311-2). Para isso, certas atividades passaram a ser executadas fora da casa, como a preparação de determinados alimentos - o pão, por exemplo. Dessa forma, a casa consolida-se como local de consumo. No entanto, os pomares, hortas e construções de serviço, nos fundos das casas, indicam que a dimensão produtiva ainda estava presente: “a casa urbana guardaria ainda por muito tempo claros sinais de autossuficiência” (MALUF; MOTT, 1998, p.405). Havia local para a criação de animais, como patos, perus e galinhas, além de hortas e pomares, como pode ser visto na figura 2. Na edícula, havia salas para os ninhos e locais para a guarda de ferramentas para o jardim e pomar. Dessa forma, apesar de não serem mostradas nos projetos de aprovação, provavelmente, havia outras construções de serviço, nas casas do Jardim América.

Assim, esse processo de modernização é relativo: ao mesmo tempo que responde aos anseios dessa família nuclear idealizada - inundada por campanhas publicitárias, modelos de comportamento ou conselhos médicos -, mantém a dimensão produtiva da casa e o trabalho doméstico feito de forma primitiva.

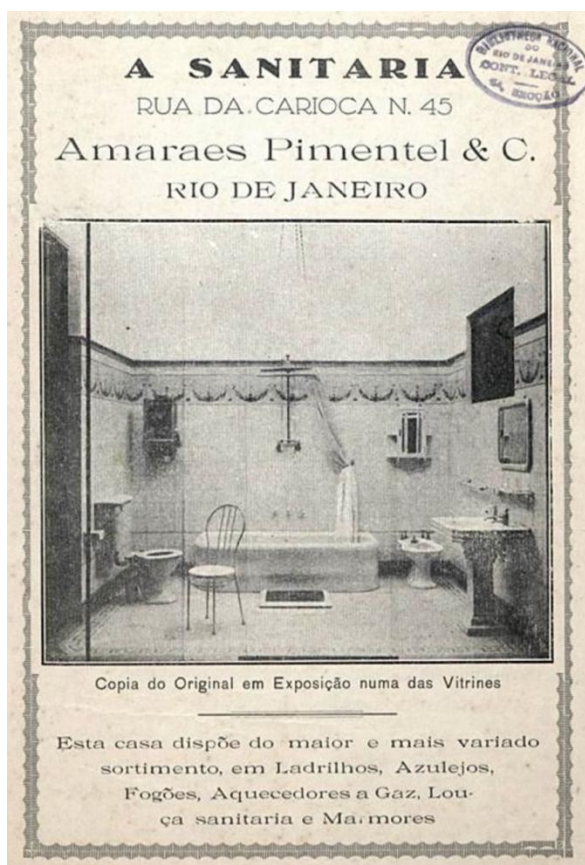
¹⁷ Ele aparece em vários números de *A Cigarra*, entre os anos de 1917 e 1930. A revista circulou entre 1914 e 1975 e, como outras publicações das primeiras décadas do século XX, mostrou as transformações sociais e culturais e novos modelos de comportamento e costumes.

PENSAR FORA DO EIXO

Além disso, a modernização responde a interesses variados da venda de novos produtos e dos serviços de grandes empresas, como a *Light* e a *The São Paulo Gas Company*: “As empresas de energia procuravam fomentar o consumo de gás¹⁸ e eletricidade (além dos equipamentos correspondentes) apelando para um desejo difuso de modernização das elites urbanas” (SILVA, 2006, p.90).

Além da cozinha, outro espaço das casas, em que se percebe a modernização, são os banheiros, principalmente em relação aos materiais de acabamento, já acessíveis à classe média, como mostram os anúncios na revista *A Casa* (figura 8)¹⁹.

Figura 10: Anúncio de materiais para banheiros.



Fonte: Revista *A Casa* (n.9, p. 5).

¹⁸ No Jardim América, já havia rede de abastecimento de gás, pois constam medidores nos memoriais encontrados nos arquivos da *City*.

¹⁹ Apesar disso, os memoriais descritivos dos projetos do Jardim América mencionavam a pintura com tinta a óleo nos banheiros.

PENSAR FORA DO EIXO

A instalação dos banheiros é uma das primeiras coisas de que os constructores tratam quando começam a trocar idéas sobre o modernismo nas habitações. Realmente, quem vê os actuaes banheiros e passa uma vista d'olhos sobre os velhos quartos de banho, sente a mesma impressão de quem compara um primitivo automóvel com um modelo de 1929 (...) A introdução do colorido é, sem dúvida, a maior revolução havida nos banheiros de hoje. (...) Actualmente, para dar um effeito colorido ao banheiro, dispomos dos mármore de cor, do esmalte, do 'lap', dos mosaicos e dos vários typos de reboco decorativo. O colorido do chão se consegue por meio do azulejo, linoleum, cimento ou composição, de que igualmente dispomos em qualquer matiz que se desejar (O ARRANJO, 1929, p. 33, 35).

Além dessa sofisticação no acabamento, o número de banheiros nas casas do Jardim América aumenta, ao longo da década. No início dos 1920's, geralmente, havia apenas um banheiro completo, nas residências térreas. Já nos sobrados, havia um banheiro completo no pavimento superior e um lavabo, no pavimento térreo. No final da década, no entanto, começam a aparecer, nas casas maiores, um banheiro privativo para o quarto principal. A casa da figura 2, por exemplo, de 1927, apesar de ter apenas dois dormitórios, apresenta um banheiro completo, dois lavabos e um lavatório: "É de grande vantagem ter dois banheiros, principalmente nos prédios de dois pavimentos. Na América do Norte, até nas menores casa, estão sendo installados dois banheiros (...)" (O ARRANJO, 1929, p.36).

Eram utilizadas vigas metálicas para a sustentação das lajes dos banheiros do pavimento superior (ALAMBERT, 2003, p.92). Essas vigas, que também permitiam grandes vãos nas salas do pavimento térreo, são citadas nos memoriais das casas do Jardim América e indicadas nos projetos.

Assim, as estruturas das casas eram usualmente mistas: utilizavam-se alvenaria estrutural, vigas metálicas e lajes de concreto armado (apenas nos banheiros do pavimento superior). Este tipo de estrutura foi a que se encontrou em nossa pesquisa, praticamente em todos os projetos²⁰.

4 OS INTERIORES E SEUS MORADORES: UM NOVO MODO DE VIDA EM TORNO DA FAMÍLIA NUCLEAR.

²⁰ Nos memoriais descritivos – que se encontram anexados aos projetos, no arquivo da *City* -, eram discriminados os materiais a serem utilizados. O usual era que, externamente, quando a alvenaria era aparente, haveria embasamento e faixa pintados junto ao beiral, que era uma proteção contra a umidade. A cobertura normalmente utilizava telhas marselhesas. Para os pisos, utilizavam-se ladrilhos "nacionais finos" no hall e no banheiro; e "nacionais de cimento" na cozinha e outros ambientes de serviço. Os demais ambientes recebiam assoalho de peroba: tábuas de 8 a 9 cm sobre vigotas embutidas no concreto do piso térreo. No segundo pavimento, utilizavam-se, também, as tábuas de peroba sobre vigas da mesma madeira (17x7cm). As esquadrias e escadas também eram executadas em madeira.

PENSAR FORA DO EIXO

Outro aspecto que nos propusemos a investigar refere-se à dinâmica da vida cotidiana nessas casas. Para isso, inicialmente, devemos questionar: quem eram esses moradores?

Alguns aspectos do loteamento podem nos ajudar a responder esse questionamento: o tamanho das casas e as condições de venda indicam que ele se destinava à classe média, que se expandia, nessa época ²¹, pois o desenvolvimento urbano, acelerado após a guerra, provocou a expansão do pequeno comércio nos centros mais importantes do país, assim como das pequenas indústrias. Dessa forma, houve o aumento das antigas classes médias – pequenos comerciantes, artesãos, pequenos industriais, alfaiates, carpinteiros e sapateiros – e das novas classes médias – funcionários públicos, assalariados (PINHEIRO, 1985, p.16).

Pode-se afirmar, ainda, que essas casas pequenas, do Jardim América, se destinariam a famílias nucleares de classe média, pois Carvalho (2008, p.309) aponta, nessa época, “a predominância da organização do tipo nuclear nas famílias paulistanas, especialmente o costume relativo à saída dos filhos para a constituição de um domicílio autônomo”. Isto poderia, também, ter favorecido a assimilação, por essas camadas sociais, da ideia de introspecção da família, satisfazendo suas necessidades afetivas no interior do lar.

A importância adquirida pela família – vista como a base do sistema social, como sua instituição mais importante e, como tal, fonte e solução da maioria dos problemas – é outra questão muito importante. Dessa forma, a casa familiar era vista como o local onde se formaria o caráter das crianças, o veículo social básico a partir do qual os valores da sociedade poderiam ser gradualmente transformados, sendo que, ao marido caberia a manutenção da família e, à mulher, a identidade social como esposa e mãe (MALUF; MOTT, 1998, p.379).

Ela tinha o dever social de cuidar da família, controlando a saúde física e moral de seus membros, o que envolvia a higiene do lar, em um momento em que crescia a obsessão contra os micróbios, a poeira e tudo o que pudesse facilitar a propagação das doenças. Dessa forma, o lar deveria ser um ambiente higiênico, privado, confortável e belo, onde a família seria preservada e protegida. Reforça-se a ideia de que a casa familiar deveria ser um local para a convivência de seus membros e não para a exibição de um suposto luxo a estranhos.

²¹ Naquele momento, a estrutura social mostrava-se cada vez mais diversificada no Brasil e, apesar do Rio de Janeiro ter criado primeiro uma camada social mais extensa, é em São Paulo, devido à expansão do setor cafeeiro, que, em fins do século XIX, se desenvolverá um setor médio citadino, para a criação da infraestrutura de serviços necessária ao setor cafeeiro. Também houve a participação de indivíduos que ocupavam altos cargos no aparelho do Estado e aqueles das profissões liberais (SAES, 1973, p. 25-6; PINHEIRO, 1985, p. 20-1).

PENSAR FORA DO EIXO

Os segmentos médios foram, em São Paulo, o público-alvo predileto dos conselhos e campanhas publicitárias que previam o enfraquecimento da sala de visitas como zona de representação social e o seu fortalecimento como área de convívio familiar, íntimo e confortável, segundo o modelo inglês do *living room* (CARVALHO, 2008, p. 165-6).

A *Casa* (AZEREDO, 1929, p.37-8) também reforça essa ideia:

Por vaidade muito natural e plenamente justificável, todos pretendem que a sua casa se destaque das outras, quer em originalidade, quer por uma esquisitice qualquer. O que se tem em mira, geralmente, é uma casa que desperte atenção. (...). As fachadas bonitas são o conforto do alheio, ao passo que o bom arranjo interno é, (sic) o prazer próprio. Eis um egoísmo que se justifica porque o que se mostra ao próximo, em detrimento do nosso conforto, não nos beneficia.

Assim, as salas de estar, varandas, halls e copas, presentes nas casas do Jardim América, seriam preferidos como áreas de convivência familiar, em lares vistos como refúgio, onde se cultivava uma nova domesticidade e estavam presentes conforto e beleza. Esta é uma ideia sempre presente, à época, também, nos anúncios, como neste do *Mappin Stores*:

No nosso clima vive-se muito fôra de casa. A maior parte do tempo corre fora do lar, na rua, no escriptorio, no armazém, no teatro, no cinema. Há pouca vida de família. Porisso laxam-se os vínculos de intimidade que devem apertar os membros dessa pequena unidade celular que é a base de todas as outras. (...) É lastimável porque denota a falta de vida de família e sem a vida de família não há sociedade e não há pátria (A intimidade do Lar”, **Revista Feminina**, julho de 1918, p.16 *apud* CARVALHO, 2008, p. 312).

A *Casa* reforçava essa ideia, de que o cultivo do lar, a fim de afastar seus moradores das ruas, cabia à mulher, de várias formas, inclusive através dos trabalhos manuais:

Nessas condições, a nossa transitória morada precisa ter o conforto necessário para que não a aborçamos, passando a viver mais na rua do que em casa. (...) O lar tem de ser, portanto, um ponto de atracção, onde o carinho affectuoso da família encontra a moldura natural de encantadores ambientes preparados pelo gosto artístico das creaturas que o formam (...). Além dos cuidados hygiênicos, do asseio, que deve ser a preocupação de toda a dona de casa (...)” (OS PONTOS, 1928, p. 17).

Outra questão importante é que o conforto estava associado à ideia de descanso e relaxamento masculino. Americano (s.d., p.249) fala dessa nova noção de conforto, representada pelas “cômodas poltronas de couro”. Também na revista *A Casa*, encontramos menção a essas questões, apesar de grande parte do mobiliário ainda ser feito em madeira, sendo necessárias almofadas para torná-los mais confortáveis.

A questão do conforto não se restringia ao descanso físico, mas estendia-se à dimensão psíquica, que seria alcançada em um espaço contraposto àquele do trabalho produtivo, onde fossem consideradas a luz, o som, os aromas e a disposição dos objetos. Segundo *A Casa* (OS PONTOS, 1928, p. 17).

PENSAR FORA DO EIXO

(...) o bem-estar é proporcionado pelo modo de dispôr o mobiliário e os objectos de ornamento, pelo concurso da boa disposição da luz directa e da luz electrica coada atravez de lâmpadas opacas e 'abat- jours' de gosto; pelo colorido e aroma das flôres, pelo canto melodioso de pássaros ou o som de victrolas e alto falantes.

Figura 11: Ambiente interno, em anúncio de vidro.



Fonte: Revista A Casa (n.35, março de 1927, capa interna).

Os abajures, além de darem um toque especial, permitiam esse controle da luz, de forma suave e pontual (CARVALHO, 2008, p. 177). E, para o controle da luz natural, utilizavam-se cortinas, persianas e venezianas, que filtravam, ainda, a visão do ambiente externo e, mesmo, a agitação da rua, como se vê no anúncio da figura 11. Ainda, pode ser vista uma grande quantidade de elementos

PENSAR FORA DO EIXO

utilizados na decoração: além da cortina, vasos, porta retratos, quadros, almofadas, mesinhas, aparadores. A esquadria é igual a muitas daquelas mostradas nas casas do Jardim América.

Na cidade de São Paulo, nessa época, já está estabelecido o uso dos estofados, tapeçarias, cortinados, capas de mobiliário, toalhas e almofadas. A ideia de aconchego e elegância está baseada nesta montagem de camadas de tecidos, inclusive com uso de papeis de parede decorados com diferentes estampas (CARVALHO, 2008, p. 177).

CONCLUSÃO

Ao longo do artigo, procuramos mostrar como se constitui, nos anos 1920, esse subúrbio-jardim paulistano, um loteamento com características revolucionárias para a época. Mais do que seu desenho e a arquitetura que ali se instala, pretendíamos falar de seus moradores e da maneira como viviam.

Para isso, tratamos do arranjo interno e das feições de suas casas, vistas em desenhos e fotografias do álbum *Jardim América*, publicado pela *City*, com as primeiras cem casas do loteamento. Abordamos, ainda, a modernização havida nas casas de classe média, naquela década. Em relação aos interiores, utilizamos a revista *A Casa*, além de nossa bibliografia sobre o tema.

A partir dessa análise, pudemos apontar certa ambiguidade nessa vida familiar, a partir das representações mostradas nos vários veículos pesquisados. Fala-se de uma casa pequena, limpa física e moralmente, onde é representada uma dona de casa satisfeita, que se utiliza de novas tecnologias, anunciadas pela publicidade e recomendada pelos muitos “conselheiros”, entre eles os médicos. No entanto, seu trabalho é sempre desconsiderado e mostrado de forma simplificada.

A representação desse cotidiano é a de uma vida simples, desenvolvida em torno da família nuclear, em ambientes bonitos, confortáveis, assépticos e alegres. Uma casa franca, aberta, voltada para o jardim, que se abre à vizinhança.

No entanto, esse é um ambiente “filtrado”, que se fecha à cidade, ao espaço público da metrópole. Pois, a experiência dos bairros-jardins radicalizou a separação social que já se processava desde o fim do século XIX, com a distinção das áreas habitacionais. No Jardim América, apesar do espaço ser público, as ruas sinuosas e confusas tornavam o fluxo de pessoas estranhas ao bairro, raro, pois não havia muito o que fazer ali, um local ocupado apenas por residências e a complexidade do

PENSAR FORA DO EIXO

traçado não aconselhava que fosse utilizado como passagem para outros bairros (MARINS, 2008, p.180). E, estranhos seriam percebidos rapidamente.

Essa malha viária, pinturesca em grande parte, criou um local pleno de refúgios, para essa camada que ali vivia. Pode-se dizer que a privacidade se estendia às ruas do bairro e aos jardins internos às quadras. Semipúblicos, eram outro espaço de fruição protegido, reservados aos moradores, pois nenhum intruso ousaria visitá-los. Mas, nem mesmo essa sociabilidade entre seus pares foi desejada pelos moradores, pois, em 1920, os jardins foram retalhados em lotes menores, porque os proprietários se recusaram a contribuir para a sua manutenção. Deve ter havido uma grande alteração da paisagem, ficando a permeabilidade visual, comprometida, com esse parcelamento dos jardins. Esses, provavelmente, eram pouco utilizados, pois, como assinala Andrade (1998, p.248), as fotos da época, das ruas e praças, mostram poucos usuários, praticamente apenas as babás e os filhos dos moradores.

Assim, pode-se afirmar que, no Jardim América, dos anos 1920, constitui-se, para a classe média que se expande, uma nova forma de morar, centrada na família nuclear, com padrões burgueses, em ambientes privados, contrapostos ao espaço público das novas metrópoles.

De forma mais ampla, é algo que pertence à cultura burguesa da habitação, constituída no século XIX. O lar vitoriano significava estabilidade, ordem e paz, um contraponto às incertezas do mundo exterior em constante transformação, um ponto de equilíbrio possível, entre as esferas pública e privada. E essa sua representação (per)seguirá a burguesia em vários tempos e locais, inclusive nos anos 1920, no Jardim América.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Clara Correia d'. **Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

AMERICANO, Jorge. Panorama Littero-Artístico-Cultural. In: **São Paulo Nesse Tempo (1915-1935)**. São Paulo: Melhoramentos, 19-? p.248-251.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro. **Barry Parker**: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PENSAR FORA DO EIXO

CAMARGO, Mônica Junqueira. Domesticidade, Gênero e Materialidade: Novos Desafios do Patrimônio Cultural. *In*: NASCIMENTO, Flávia Brito do. et. al. (orgs.). **Domesticidade, Gênero e Cultura Material**. São Paulo: Edusp, 2017. p.9-26.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material - São Paulo, 1870-1920. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889**: uma história mundial. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HEYNEN, Hilde. “Modernidad y domesticidad: tensiones y contradicciones” [primera parte]. **Bitácora Arquitectura**, n.33, 2016. p.4-13

KING, Anthony D. **The Bungalow**: The Production of a Global Culture. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 1995.

LANCASTER, Clay. **The American Bungalow**: 1880-1930. Nova York: Abbeville Press, 1985.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, etc.** Um estudo sobre as zonas de serviço da Casa Paulista. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **A República ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. *In*: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, v.3. p.367-421.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. *In*: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, v.3. p.131-214.

PARKER, Barry. 26 folhas manuscritas em inglês, datadas de 25-1-1919. Trata-se de um relatório de Parker aos diretores da Companhia *City*, fazendo um balanço de suas atividades durante sua estada em São Paulo, já de volta à Inglaterra.

PERROT, Michelle. “Modos de habitar: La evolución de lo cotidiano en la vivienda moderna”. A&V - Monografía de arquitectura y vivienda. 14, Madrid, 1988. p. 2–17.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza, Intervenção na Vida Política. *In*: FAUSTO, Boris (ed.). **História geral da civilização brasileira** - O Brasil Republicano. Tomo III, Vol. II. São Paulo: DIFEL, 1985. p.8-37

PROST, Antoine. Fronteiras e Espaços do Privado. *In*: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (org.). **História da Vida Privada 5**: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.p. 13-136

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a Utopia da Cidade Disciplinar - Brasil: 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PENSAR FORA DO EIXO

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Racionalismo e Proto-Modernismo na obra de Victor Dubugras**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1997.

SAES, Décio Azevedo Marques. **O Civilismo das Camadas Médias Urbanas na Primeira República Brasileira**. Campinas: Unicamp, 1973

SARQUIS, Jorge. "Presentación". In: **La arquitectura de la vivienda para la clase media**. Coloquio. Buenos Aires: Nobuko, 2010. p.7-28.

SILVA, João Luiz Máximo. "As empresas de energia e o consumo doméstico de gás em São Paulo no início do século XX". **História Econômica & História de Empresas**. Ribeirão Preto: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), vol. IX. n.2, p. 73–91, 2020. Disponível em: <https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/771>. Acesso em: 16 jun. 2025.

THE CITY OF SÃO PAULO IMPROVEMENTS & FREEHOLD LAND CO. **Jardim América**. São Paulo: s.n., 1923 (Existe um exemplar na Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo).

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. **Jardim América: O Primeiro Bairro-jardim de São Paulo e Sua Arquitetura**. São Paulo: EDUSP, 2001.

Artigos e anúncios de revistas

A CASA por dentro. **A Casa**. Rio de Janeiro: Segadas & Cordeiro Ltda., n.4, p.24-26, mar.1924.

AZEREDO, J. Cordeiro de. "Projectos e Plantas para Construcções". **A Casa**. Rio de Janeiro: Segadas & Cordeiro Ltda., n.8, p.34, dez.1924, anúncio.

AZEREDO, J. Cordeiro de. "O lar". **A Casa**. Rio de Janeiro: M. Segadas Vianna, n.63, p.37-38, jul.1929.

CONSTRUIR melhor e mais barato. **A Casa**. Rio de Janeiro: Segadas & Cordeiro Ltda., n.16, p.11, ago.1925.

NOTAS e Recortes: Os jardins do Rio. **A Casa**. Rio de Janeiro: Segadas & Cordeiro Ltda., n.8, p.13-14, dez.1924.

O ARRANJO dos banheiros. **A Casa**. Rio de Janeiro: M. Segadas Vianna, n.61, p.33-36, maio1929.

OS PONTOS pitorescos da Habitação-Parte Externa. **A Casa**. Rio de Janeiro: M. Segadas Vianna, n.56, p.17-19, dez.1928.

PÁGINA de Architectura. **Revista de Engenharia Mackenzie**. São Paulo: Centro Acadêmico Horácio Lane, n.41, p.21-29, mar.1927.



PENSAR FORA DO EIXO

URBANISMO em São Paulo. **Revista de Engenharia Mackenzie**. São Paulo: Centro Acadêmico Horácio Lane, n.50, p.215, maio1929, anúncio.

WRIEDT, Ricardo. “Duas palavras”. **A Casa**. Rio de Janeiro: Segadas & Cordeiro Ltda., n.1, p.4, out.1923.

WRIEDT, Ricardo. “Projectos e Plantas para Palacetes, Bungalows, etc”. **A Casa**. Rio de Janeiro: Segadas & Cordeiro Ltda., n.8, p.34, dez.1924, anúncio.